

“Há poucas coisas, dentre os objetos dos nossos sentidos, que sejam verdadeiramente e por sua própria natureza, infinitas. Porém, não sendo homem capaz de perceber os limites de muitas coisas, elas parecem ser infinitas e produzem os mesmos efeitos, como se realmente o fossem. Somos enganados de maneira semelhante, se as partes de algum objeto de grandes proporções se adicionam até um número indeterminado, de modo a que a imaginação não encontre nenhum obstáculo que possa impedi-la de estendê-las a seu talante.”

ARTIGOS

RESUMO

A Universidade de Brasília foi concebida a partir do ideário de Darcy Ribeiro que prezava pela democratização e interação entre as diferentes áreas do conhecimento, conceitos estes incorporados e representados no partido arquitetônico do Instituto Central de Ciências. A leitura aqui proposta para o edifício visa relacionar forma e conceitos a partir da vivência e apropriação dos seus espaços, tanto do ponto de vista individual como no que diz respeito aos significados universais.

PALAVRAS-CHAVE

modernismo, Instituto Central de Ciências, estética, Oscar Niemeyer.

BREVE HISTÓRICO

O planejamento físico do Campus da UnB foi elaborado concomitantemente com o projeto e construção do Plano Piloto de Brasília pela mesma equipe de arquitetos e tendo a preocupação de que, do ponto de vista urbanístico, seu projeto fosse incorporado à cidade. Estava destinada uma área de 257 hectares para a cons-

trução do Campus. Este deveria ter uma característica de parque bucólico, relacionando com a ideia de escalas de Brasília. As vias conformavam, bem do meio do Campus, uma vasta área gramada em torno da qual se situariam os edifícios dos Institutos Centrais, que se distribuiriam sem muita ordenação geométrica para não romper com a ideia de bucolismo.¹

Oscar Niemeyer, com a colaboração de João Filgueiras Lima, o Lelé, reuniu estes Institutos Centrais num edifício só com 104 mil m² de área construída e 60 mil m² de área útil, que permitiria acomodar num conjunto vários tipos de programa de utilização. O arquiteto pensou esse único prédio no centro, para que pudesse reunir academicamente diversas unidades, que possibilitasse o encontro e o convívio de estudantes das mais diversas formações e que tivesse trânsito facilitado. Sobre essa proposta, Darcy Ribeiro discorre:

Gosto de dizer, para divertir os amigos, que foi por preguiça que Oscar projetou o Minhocão tal qual ele é: 780 metros de comprimento por 80

de largura, em três níveis. A verdade que há nisso é só que Lúcio Costa previa no plano urbanístico no campus da UnB oito áreas para os Institutos Centrais, cada uma delas contando com edifícios especializados para anfiteatros, salas de aula, laboratórios, departamentos, bibliotecas, etc. No total, somaria para mais de quarenta edificações que deveriam ser projetadas e construídas uma a uma. Oscar resumiu tudo isso num edifício só, composto por seis modalidades de construção, que permitiriam acomodar num conjunto qualquer programa de utilização. Ao fazê-lo porém, renovava a arquitetura das universidades, dando um passo decisivo, no sentido do que viriam a ser, depois, as universidades que ele desenhou pelo mundo. (RIBEIRO apud ALBERTO)

Junto ao Minhocão, projetou a Praça Maior onde haveria o Museu que compreendceria o Museu da Ciência, com 5.000m², o Instituto de Artes com 3.000m², o Museu da Civilização Brasileira com 8.000m², a Editora da UnB com 2.500m² e a Rádio e Televisão da UnB com 2.500m²; a Biblioteca com 6.000m² e a Reitoria com 4.000m² e o Auditório com 8.000m².²

Niemeyer tinha a preocupação de impedir que seus edifícios lhe conferissem, por

1 Plano Orientador para a Universidade de Brasília, 1962.

2 Plano Orientador para a Universidade de Brasília, 1962.

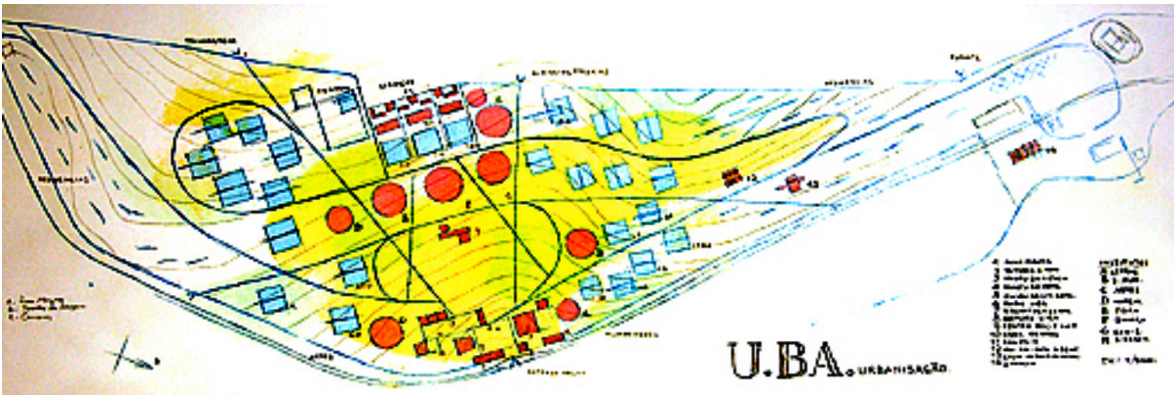


Fig 1 - Projeto Urbanístico para a Universidade de Brasília elaborado por Lúcio Costa (Fonte: Plano Orientador para a Universidade de Brasília, 1962).

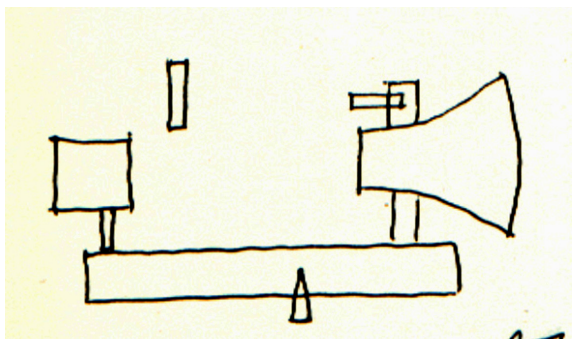


Fig 2 - Praça Maior – Planta

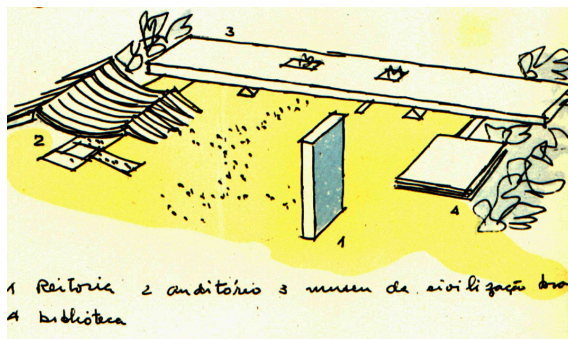


Fig 3 - Praça Maior - Perspectiva

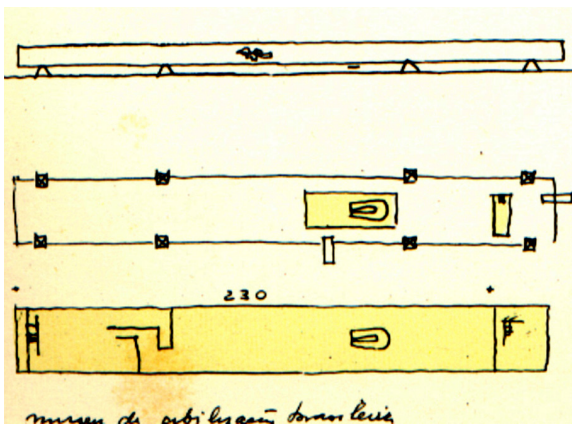


Fig 4 - Museu da Civilização Brasileira, Rádio da UnB, Editora da UnB, etc.

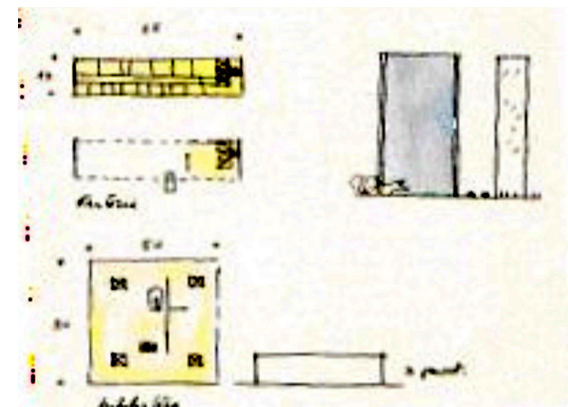


Fig 5 - Reitoria e Biblioteca

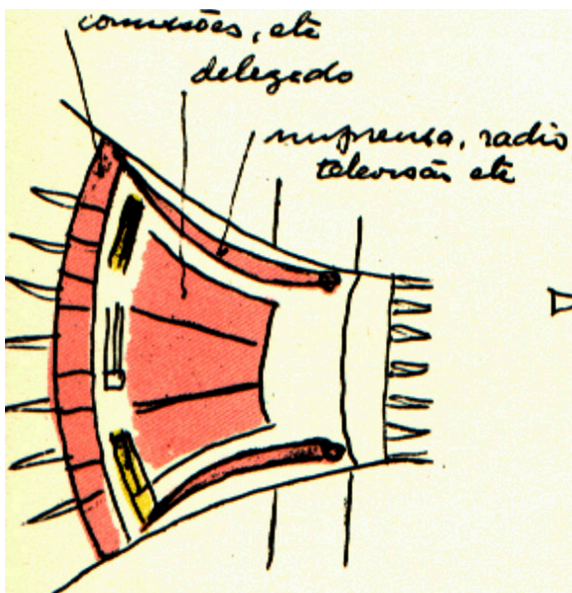


Fig 6 - Auditório - Planta Têrreo lanta: Revista Módulo - nº 28 , 1962

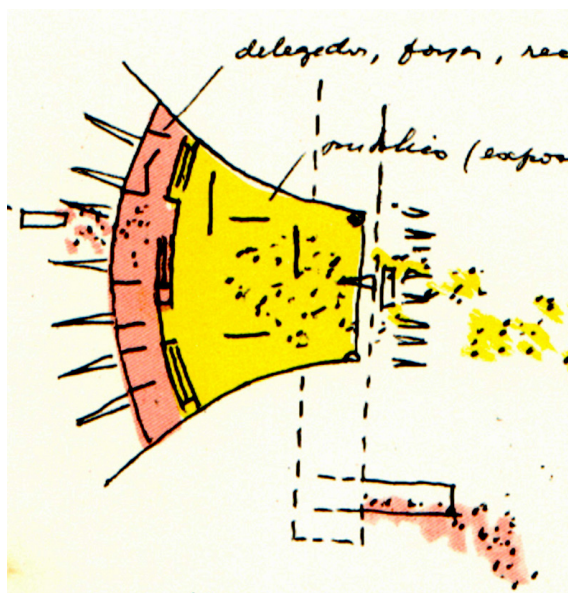


Fig 7 - Auditório Pav. Superior Fonte



suas proporções, um aspecto monumental. Por esta razão as alturas, os volumes e os espaços livres foram reduzidos, de forma que o caráter singelo que existia no Campus fosse mantido. Esta tarefa não foi fácil de ser realizada devido ao vasto programa que tais edifícios conferem.³

Com o golpe militar, se instalou um regime militar na Reitoria, ocasionando a saída da equipe de Niemeyer e a entrada de uma nova geração de arquitetos em 1968 vinda de São Paulo, Rio Grande do Sul, etc. O projeto da Praça Maior não foi executado e a construção do ICC nunca foi finalizada, tendo sido praticamente interrompida entre os anos de 1964 a 68.

METODOLOGIA DE ANÁLISE

(...) Foi necessário falar como se uma obra de arte fosse composta de dois aspectos – forma e conteúdo – que se influenciam reciprocamente. Hoje em dia se admite comumente que em uma obra de arte bem sucedida, a forma e o conteúdo estão tão intimamente “fundidos”, que é impossível que qualquer mudança seja feita na forma sem mudar o conteúdo, e é impossível que o conteúdo permaneça o mesmo se for revestido de qualquer outra forma que não a forma pela qual está revestido. (OSBORNE, 1970, p.96)

O método de pesquisa visa a interação entre sujeito e objeto, estando dividido em três partes – forma, espaços e percursos. Durante a primeira etapa (forma), a obra será objetivamente descrita na sua exterioridade física. Interpretações e impressões pessoais acontecerão num segundo momento, quando a análise se voltará para os aspectos subjetivos da obra (con-

teúdo – espaços e percursos), resultados da vivência do sujeito no espaço em questão e da análise da obra enquanto suporte de significados perante o indivíduo (escala cotidiana) e a sociedade (escala coletiva). É neste momento que percebemos o caráter universal e atemporal da obra.

Evitando o risco de confundir valor estético com histórico, os aspectos de ordem histórica comparecerão apenas como meio de corroborar algumas hipóteses levantadas. Tais informações favorecem a apreciação estética não por completar a obra, que pressupomos completa em si mesma, mas como um elemento enriquecedor para a análise.

ANÁLISE ESTÉTICA

Forma

Consiste num conjunto de dois edifícios homogêneos, simétricos e dispostos de uma forma integrada. O formato de cada prédio em planta se dá por um arco no centro e retângulos nas extremidades com um movimento inverso ao do plano piloto, acentuando assim sua pregnância. Estes dois prédios são paralelos e separados um do outro por uma faixa de 15 metros de jardins e circulação. Nas duas pontas do arco encontram-se os acessos principais, assinalados interiormente por espaços vazios de distribuição, com mezaninos servidos por grandes rampas em balanço, sendo que, externamente, não há uma forte marcação destes acessos. No projeto original, a cobertura nestas áreas de acesso seria abobadada em concreto, fun-

cionando como uma quebra da cadência gerada pelos pilares. Sobre o projeto do ICC, Sylvia Ficher explica:

As alas têm larguras diferentes e foram concebidas com o objetivo de abrigar tipos diferentes de atividades. Na ala oeste, com 30 metros de largura, ficariam as atividades mais voltadas para o ensino, como sala de aulas e auditórios. E na ala leste, com 25 metros de largura, seriam instalados predominantemente laboratórios científicos, cujas especificações não pudessem ser subordinadas a esses espaços padronizados deveriam ser instalados na faixa central, tendo como cobertura cúpulas de concreto armado, de modo a garantir pés-direitos adequados a suas necessidades. Na prática, tal ocupação e especialização não foi obedecida e espaços bem diferentes são usados atualmente para fins semelhantes. Unificado o conjunto, a estrutura do ICC é composta por grandes pórticos de concreto protendido, que se repetem a cada 3 metros por toda a extensão do prédio, e representam, de fato, mais de 70% do volume da construção. (FICHER apud MAHLER, 2013)

A arquitetura do ICC acontece a partir da estrutura, ou seja, as vigas e pilares pré-fabricados de concreto compõem definindo a forma do edifício, constituindo os principais elementos de sua composição. A curvatura foi traçada em consideração aos elementos que o edifício “abraçaria”, ou seja, a Praça Maior. Se esta tivesse sido construída, formaria um conjunto com o ICC.

A arquitetura do instituto não estaria subordinada apenas à praça, mas também ao projeto urbano do Campus. O prédio possui uma angulação tal nas laterais, que seus braços se posicionam perpendicularmente às avenidas já estavam previstas anteriormente ao projeto do ICC. Não se



Fig 9 - Croquis de Niemeyer para o ICC. Fonte: CASTOR, p. 55, 2004.

Corte transversal: 1 - laboratórios pesados; 2 - laboratórios de pesquisas; 3 - salas de professores; 4 - circulação; 5 - jardim; 6 - hall dos auditórios; 7 - cabine de som e projeção; 8 - sanitários; 9 - depósitos e centrais; 10 - rua de serviço; 11 - calha de alumínio; 12 - depósito de materiais de demonstração; 13 - galeria longitudinal de tubulações; 14 - galeria transversal de tubulações; 15 - capelas ou armários; 16 - exaustão das capelas

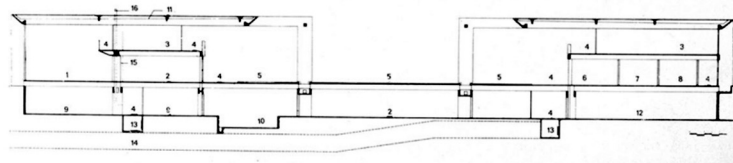


Fig 10 - Corte do ICC. FONTE: Revista Acrópole, jan./fev.1970.



Fig 11 - ICC - vista superior ICC Fonte: UnB Agência - www.unb.br



Fig 12 - ICC - Circulação Interna. Fonte: UnB Agência - www.unb.br

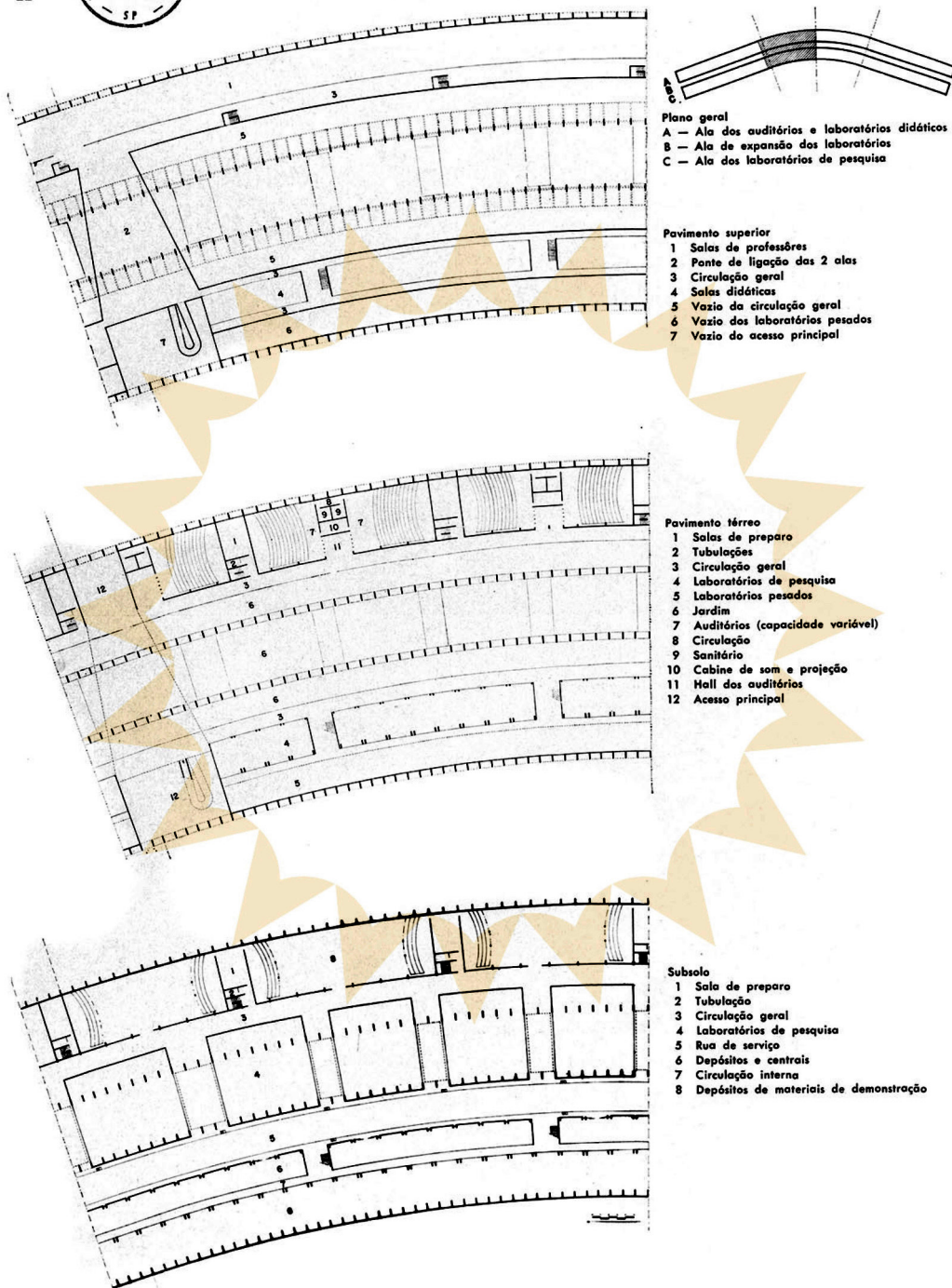


Fig 13 - Plantas baixas do JCC. FONTE: Revista Acrópole, jan./fev.1970.

pode deixar de comentar que o lago Paranoá também dialoga com essa concavidade.

Espaços

Em função de sua extensão, pode-se dizer que o edifício quebra a noção de fachada, pois só seriam apreensíveis a uma determinada distância. No entanto, tal distância impediria uma visão integral pela própria horizontalidade do prédio, se perdendo, assim, uma referência dimensional. Tudo isso faz com que, do ponto de vista do usuário, o edifício adquira uma expressão do infinito, onde as duas alas paralelas tocam-se visualmente no longínquo horizonte tal como as torres de uma catedral gótica convergem para o céu.

74

A direção vertical da Catedral Gótica associa-se a ideias de elevação e transcendência, enquanto que a horizontal está associada à vida prática do homem, como lembra Norberg-Schulz: a direção horizontal representa o mundo concreto da ação do homem. (Schulz apud Castor, pg.50). Deste modo, tanto o ICC como uma catedral gótica abarca o conceito da infinitude. Uma pela fé na possibilidade de salvação e pela ânsia em se alcançar um espaço inalcançável pelo homem e o outro pela infinitude do conhecimento que o próprio homem constrói. Sobre a sensação do infinito no espaço, Burke nos esclarece:

Há poucas coisas, dentre os objetos dos nossos sentidos, que sejam verdadeiramente e por sua própria natureza, infinitas. Porém, não sendo homem capaz de perceber os limites de muitas coi-

sas, elas parecem ser infinitas e produzem os mesmos efeitos, como se realmente o fossem. Somos enganados de maneira semelhante, se as partes de algum objeto de grandes proporções se adicionam até um número indeterminado, de modo a que a imaginação não encontre nenhum obstáculo que possa impedi-la de estendê-las a seu talante. (BURKE, 2013, pag. 98)

Como dito anteriormente, percebemos a estrutura no ICC como um fator determinante da volumetria e da formação dos espaços, onde a circulação que atravessa o prédio se vê ladeada por pilares intercalados por vazios cadenciados, permitindo que a vegetação avance sob a cobertura, não estabelecendo claramente um limite entre espaço interno e externo e formando uma transição entre os dois. Os arcobotantes e contrafortes da Catedral também formam uma espinha dorsal que é fundamental na forma e indispensável na estrutura da construção. O próprio material do ICC (concreto armado) se assemelha muito às pedras dos monumentos medievais. No caso do ICC, o material acentua a fluidez com a natureza, fazendo com que a arquitetura se dilua na paisagem.

Existe também uma analogia da iluminação natural que penetra os vitrais góticos com a que atravessa os pilares do Instituto, fazendo um jogo de luz e sombra. Novamente, a luz que atravessa os vitrais na Catedral, desenhando raios na penumbra interna, remete à uma possibilidade de redenção e salvação. No ICC, é ocasionada pelos cheios e vazios e estabelece uma relação de proximidade entre espaço natural e construído:

Fig 14 - Vista do ICC. Fonte: UnB Agência – www.unb.br



Fig 15 - ICC durante a construção. Fonte: <http://faudarepressao.blogspot.com.br>





Seu esqueleto estrutural apresenta-se como uma armação perene e imutável em oposição ao caráter transitório dos espaços organizados que ele abriga. Sabe-se que a área livre entre as duas alas deveria ser ocupada por laboratórios a serem instalados e removidos de acordo com as conveniências. Pode-se dizer então que esses pórticos já foram concebidos como estruturas eternamente inacabadas, ou provisoriamente completadas. (CASTOR, 2004, pg.50)

Percursos

Um dos aspectos mais singulares da obra é seu caráter urbano. Os espaços entre as alas e os dois grandes halls de entrada são lugares de passagem e de convívio, remetendo aos ideais de Darcy Ribeiro para a integração universitária. Outro aspecto que propicia o caráter de urbanidade é a estrutura que, pelo fato de gerar durante um percurso, diferentes formas de apreensão em função do posicionamento dos pilares e pela própria forma curva do edifício, conclui-se que a percepção da obra possui uma natureza relativa e o seu modo de apropriação é tributário de um percurso. Ou seja, as percepções se alteram com os deslocamentos, onde se está constantemente descobrindo novos elementos e situações.

O sujeito passa a ser peça integrante da obra na medida em que se torna necessário para que os vários elementos de composição sejam revelados, reafirmados, e justificados. Remete à ideia de um processo, e não de um resultado, onde é necessário percorrer o espaço para, a partir do particular, apreender o todo. Assim, o edifício possui um caráter de eterno movimento, buscando-se uma finitude num

infinito que, por definição, jamais poderá ser alcançado.

Por se tratar de um edifício aberto para a cidade, sua arquitetura propicia um maior acesso da comunidade à universidade e vice versa, rompendo com a tradição arquitetônica dos mosteiros. Sabe-se que o espaço universitário, enquanto tipologia, surge com o desenvolvimento do trabalho intelectual que na Idade Média passa a ser considerado como atividade especializada. O termo 'universitas' designa originalmente uma corporação de estudantes.⁴

Um mosteiro típico possui um aspecto de urbanidade, onde as funções são convenientemente setorizadas em consideração com à divisão do trabalho. Trata-se de um edifício onde os ambientes não são abertos para o exterior, mas para o pátio interno. Sua arquitetura não proporciona, ao contrário do ICC, a possibilidade de expansão do espaço ou de comunicação com a cidade, o que contribui para uma falta de democratização do conhecimento.

Nos mosteiros, os fluxos principais acontecem de uma forma cíclica, no ICC, os espaços obedecem à uma organização linear e axial. Tais percursos respondem às necessidades humanas na sua condição de ser individual (escala cotidiana), pois são grandes avenidas para circulação de pessoas, cujo percurso tem um caráter individual por si só, em que os espaços são apreendidos também individualmente num tempo tributário do sujeito.



Fig 16 - Arcobotantes e contrafortes em Saint-Denis (séc XII). Fonte: www.montfort.org.br



Fig 17- Vistas do ICC. Fonte: UnB Agência – www.unb.br



Fig 18 - Vista interna da Sainte Chapelle. Fonte: Wikipedia.



Fig 19 - Circulação do ICC. Fonte: Correio Braziliense, Jan.2003

Fazendo uma analogia do percurso individual com a relação do homem com o conhecimento, pode-se inferir que, da mesma forma que o percurso é feito individualmente, o aprendizado também é um caminho que se percorre sozinho, tal como o caminho do homem pela vida. Mesmo que haja uma troca de ideias, a relação com o conhecimento se dá de uma forma introspectiva, de modo que não é possível se pensar por outra pessoa.

Já a escala monumental no ICC está evidenciada pelo fato do edifício se identificar como uma entidade dentro da cidade que a define, além da busca por um conceito de urbanidade dentro do edifício em função das grandes circulações. Desta forma, as duas escalas se conciliam, pois ao mesmo tempo que fornece ao homem condições para se identificar como um ser coletivo, que faz parte da coletividade da cidade, consegue expressá-lo enquanto um ser particular, na medida em que os espaços são dimensionados e configurados para aquilo que é particular do sujeito.

REFERÊNCIA

ALBERTO, Klaus Chaves. A Pré-fabricação e Outros Temas Projetuais para Campi Universitários na Década de 1960: O Caso da UnB. Texto apresentado no II DOCOMOMO Sul (2008).

BURKE, E. Uma Investigação Filosófica sobre a Origem de nossas Ideias do Sublime e do Belo. Tradução de Enid Abreu. 2 edição. Campinas: ed. Unicamp, 2013.

CASTOR, R. S. Considerações sobre a Dimensão Estética da Obra de Oscar Niemeyer: Os Casos da Praça Maior e do Instituto Central de Ciências da UnB. Orientação: Matheus Gorovitz. Dissertação de mestrado pela FAU/UnB, 2004.

GOMBRICH, E.H. A História da Arte. 16ª edição. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: editora LTC, 1999.

GOROVITZ, M., Desenho e soberania: da educação do juízo de gosto, in _____ Contribuição ao ensino de arquitetura e urbanismo, Brasília, INEP, 1999;

_____. Textos de apoio didático, Mimeo, 1996;

_____. Os riscos do projeto, S.Paulo, Nobel/EDUNB, 1995;

_____. Basílica de St. Denis - Sobre o processo de desenvolvimento da arquitetura gótica, 1997, Mimeo;

_____. Desenho e soberania: da educação do juízo de gosto, in Contribuição ao en-

sino da arquitetura e urbanismo, Brasília, INEP, 1999;

_____. Genealogia dos Espaços Universitários, in Cadernos Eletrônicos da FAU/UnB, vol. 1, 1999.

MAHLER, C. R. Entre Paradigmas: Instituto Central de Ciências da UnB. Texto apresentado no X Seminário Docomomo, 2013.

NIEMEYER, O. Meu Sósia e Eu. Rio de Janeiro: Revan, 1992.

OSBORNE, H. Estética e Teoria da Arte – Uma Introdução Histórica. 3 edição. Tradução de Octavio Mendes Cajado. São Paulo: Ed. Cultrix, 1970.

STROETER, J. R. Arquiteturas e Teorias. São Paulo: Nobel Editora, 1986.

Periódicos:

Revista Módulo – nº 28 – junho. Rio de Janeiro: Editora Módulo Limitada, 1962.

Revista Acrópole – nº 369/370 – jan/fev. Rio de Janeiro, 1970.

Sites Consultados:

<http://www.acropole.fau.usp.br/edicao/369> - Revista Acróple, jan./fev.1970.

UnB Agência – www.unb.br

<http://planeta.terra.com.br/arte/gorovitz/>

<http://www.unb.br/fau/posgraduacao/paranoa/paranoa.htm>